

GÊNERO, RAÇA NO CINEMA BRASILEIRO: LEITURAS SOBRE "MINHA MÃE É UMA PEÇA: O FILME" (2013) E "O DIA DE JERUSA" (2014)

Giovana Silva Rocha¹

Universidade Estadual de Londrina
Londrina, PR, Brasil

Margarida de Cássia Campos²

Universidade Estadual de Londrina
Londrina, PR, Brasil

Enviado em 7 jan. 2022 | Aceito em 6 fev.. 2023

Resumo: O presente trabalho busca problematizar a representação e a representatividade da mulher negra no cinema brasileiro, uma vez que é possível constatar uma baixa visibilidade desse grupo populacional nesse âmbito do audiovisual. Compreende-se que é necessário evidenciar essas discussões, pois é somente a partir da produção de espaços geográficos inclusivos e democráticos que se pode construir uma sociedade antirracista e também pautada em igualdade de gênero. Por conta disso, as obras analisadas para a realização deste estudo são: "Minha Mãe é uma Peça: o Filme" (2013), cuja bilheteria foi a maior no ano de seu lançamento, e "O Dia de Jerusa" (2014), um curta-metragem produzido pelo chamado Cinema Negro, com o intuito de valorizar a cultura e o conhecimento do povo negro. Por fim, neste estudo, conclui-se que a figura da mulher negra tem ganhado espaço no cinema nacional, em especial por meio de projetos como o Cinema Negro, em contraposição a obras de grande alcance de público, que continuam não lhe dando o devido destaque, uma vez que essa representação é sempre vinculada aos mesmos estereótipos da realidade brasileira.

Palavras-chave: raça/etnia, gênero e cinema.

GENDER, RACE IN BRAZILIAN CINEMA

Abstract: The present work seeks to problematize the representation and representativity of black women in Brazilian cinema, since it is possible to verify the low visibility of this population group in the audiovisuals. It is understood that it is necessary to highlight these discussions, for it is only through the production of inclusive and democratic geographical spaces that an antiracist society can be built, as well as one based on gender equality. Because of this, the works analyzed for this study are: "My Mom is a Character" (2013), whose box office was the biggest in the year of its release, and "Jerusa's Day" (2014), a short film produced by the so-called Black Cinema, in order to enhance the culture and knowledge of black people. Finally, it was concluded that the figure of black women has been gaining space in national cinema, especially through projects such as Cinema Negro, in contrast to works of great public reach, which still do not give them due prominence, since this representation is always linked to the same stereotypes of Brazilian reality.

Keywords: race/ethnicity, gender and cinema.

1. Graduada em Geografia e Especialista em Ensino de Geografia da Universidade de Londrina, email: giovana.silva.rocha@uel.br, Orcid: : <https://orcid.org/0000-0002-0164-5172>

2. Professora do curso de Geografia da Universidade Estadual, doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina e pós doutora pela Universidade de Coimbra (2019), email: mcassiacampos@uel.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4082-6037>

GÉNERO, RAZA EN EL CINE BRASILEÑO: LECTURAS SOBRE "MINHA MÃE É UMA PEÇA: O FILME" (2013) Y "O DIA DE JERUSA" (2014).

Resumen: El presente trabajo busca problematizar la representación y representatividad de la mujer negra en el cine brasileño, ya que es posible constatar una baja visibilidad de este grupo poblacional en este ámbito audiovisual. Se entiende que es necesario poner de relieve estas discusiones, ya que sólo a partir de la producción de espacios geográficos inclusivos y democráticos se puede construir una sociedad antirracista y también basada en la igualdad de género. Debido a esto, las obras analizadas para este estudio son: "Minha Mãe é uma Peça: o Filme" (2013), cuya taquilla fue la mayor en el año de su estreno, y "O Dia de Jerusa" (2014), cortometraje producido por el llamado Cine Negro, con el fin de valorizar la cultura y el conocimiento de las personas negras. Finalmente, en este estudio, se concluye que la figura de la mujer negra ha ganado espacio en el cine nacional, especialmente a través de proyectos como Cine Negro, frente a obras de gran alcance público, que aún no les dan el debido protagonismo, ya que esta representación está siempre ligada a los mismos estereotipos de la realidad brasileña.

Palabras clave: raza/etnia, género y cine.



Introdução

A partir da percepção da baixa representatividade de mulheres negras no Cinema Nacional, este trabalho tem o intuito de problematizar a maneira como essa população é representada pelo audiovisual a partir de duas produções brasileiras selecionadas. A escolha ocorreu com vistas a averiguar a maneira como filmes com significativo alcance popular e patrocínio relevante de grandes empresas ("Minha Mãe é uma Peça: o Filme", 2013) representam as mulheres negras, além de realizar uma comparação com obra que conta apenas com incentivo governamental e feita a partir de um projeto encabeçado por pessoas negras ("O Dia de Jerusa", 2014).

A problematização parte da análise das obras cinematográficas pautada na concepção de que não são puramente representações fiéis da realidade, embora isso seja propagado no senso comum, mas que são construídas a partir das crenças e intencionalidades de quem as produz (NEVES, 2010).

A partir desse enfoque, segundo Neves e Oliveira Ferraz (2007), é possível observar que, mesmo se tratando de uma obra espacial e temporalmente fixa no tempo de sua criação, a produção e as técnicas utilizadas pelo cinema podem levar quem assiste a ser transportado para diferentes realidades, deixando transparecer um determinado sentido de mundo. Por conta disso, entende-se que a Geografia tem bases para contribuir com essa discussão, uma vez que uma representação das realidades tende a reproduzir as iniquidades que permeiam o espaço geográfico.

Para isso, foram analisadas as obras acima citadas, sempre atentando para a maneira como a população preta e parda (negra) feminina é representada, bem como os espaços por ela ocupados, entendendo que o contexto histórico e espacial em que as obras foram construídas é o mesmo, com apenas um ano de diferença entre as duas produções. Ademais, foram também utilizados textos e livros de autores/as que dão suporte à discussão da temática.

"Minha Mãe é uma Peça: o Filme" (2013): invisibilidades e esteriótipos de gênero e raça

"Minha Mãe é uma Peça: o Filme" é uma adaptação da peça de teatro escrita por Paulo Gustavo, que também roteiriza a obra juntamente com Fil Braz e protagoniza o filme como a personagem D.

Hermínia. Com direção de André Pellenz, o filme de 2013 tem uma hora e vinte e um minutos, foi distribuído pela Downtown Filmes e conta com o apoio e patrocínio de grandes marcas. Transformou-se no filme de maior bilheteria nacional daquele ano e levou mais de 4 milhões de pessoas às salas de cinema do Brasil, garantindo sua continuação com mais duas edições (LANGIE, 2014). Na Figura 1, está retratado o cartaz do filme, especificando os/as personagens que cercam a protagonista.

Figura 1 – Cartaz de “Minha Mãe é uma Peça: o Filme”



Fonte: “Minha Mãe é uma Peça: o Filme” (IMDB, 2013).

Ambientado no município de Niterói, no Rio de Janeiro, o enredo da narrativa tem como protagonista a Hermínia, que é uma mulher de meia-idade, mãe de dois filhos e uma filha: Garib, Juliano e Marcelina. Ela é divorciada de Carlos Alberto, pai deles/a, que se casou novamente com uma mulher significativamente mais nova, Soraia. Todas/os essas/es personagens são consideradas/os de classe média e, além disso, todas/os são brancas/os. O conflito tem início quando a mãe ouve uma conversa entre os filhos mais novos, Juliano e Marcelina, que reclamam da personalidade dela. A partir daí, Hermínia resolve então passar uma temporada na casa de uma tia (Zélia) para fazer com que, por conta da ausência, passem a sentir sua falta.

Por se tratar de uma comédia, o desenvolvimento da obra se dá de maneira coerente com aquilo que fora proposto, mas é possível observar alguns aspectos que merecem ser destacados. O primeiro

deles é a construção de estereótipos envolvendo a maioria das/os personagens que interagem com a protagonista, o que já é possível de notar a partir da observação da Figura 1. Juliano é um homem gay afeminado e, durante a obra, isso é visto, em um primeiro momento, como um problema, uma vez que o pai e a mãe tentaram estimular uma masculinidade compulsória nele quando ainda era criança, incentivando-o a se interessar por esportes e atividades consideradas masculinas, como futebol, judô, etc. Posteriormente, quando o filho já é adulto e tem seu primeiro namorado, a família lida com a homossexualidade de maneira mais tranquila, mesmo sem questionar diretamente e dialogar com ele a respeito disso.

Então, como discorrem Roso e outros (2002), pode-se observar a construção de imagens no filme como simbologias que estão carregadas de ideologias, nesse caso, o da manutenção da crença de que todos os homens *gays* são afeminados, alimentando as relações de dominação e homogeneizando-os, o que, de certa forma, mesmo que indiretamente, contribui para a ridicularização dessas pessoas, uma vez que se sabe que a sociedade brasileira estrutura-se por ideias heteropatriarcais, com pouca tolerância para aceitação da homoafetividade, por isso invisibiliza e, muitas vezes, exclui os gêneros considerados não masculinos, contribuindo para a chamada heteronormatividade, que se perpetua a partir da marginalização de orientações sexuais que não se alinham à heterossexualidade (FALEIROS, 2007). Portanto, representar a população LGBTQIA+ de forma generalizada e vinculada de maneira tão explícita à comédia pode ser considerado um fator preocupante no que se refere à manutenção desses estereótipos.

Segundo Santos (2017) a normatização da heteromasculinidade e o fato de compreendê-la e abordá-la como “o correto” em determinado momento do filme, quando se incentiva a realização de atividades que estimulem a força física de Juliano, reforçam a ideia de estereótipos de gênero ligado à masculinidade e à imagem de homem “macho”.

Vê-se, também, o estereótipo de mulher gorda, atribuído à Marcelina. Em quase todas as cenas em que a personagem aparece, pode-se perceber uma exaltação à cultura da beleza e da magreza (utiliza-se a imagem da modelo internacional Gisele Bündchen como ideal de beleza – branca, loira, magra), destacando o fato de que a garota não se encaixa nesses padrões. Por vezes, ela é humilhada pela mãe ou pelo irmão no que se refere a seu corpo, consequência provável do apelo da comédia, que exagera nos perfis dos/as personagens, ao ressaltar momentos em que Marcelina (ainda adolescente na trama) briga com Juliano por comida ou quando ganha do pai uma parte de um peru como presente de Natal (fatos rememorados pela mãe a respeito da infância da/dos filha/os). A essa personagem, fica restrito o problema do peso como sua única característica, dando a ideia de que este é um fator determinante em sua vida.

A respeito disso, deve-se observar que, ao longo dos anos em diversas mídias que envolvem imagens, como, por exemplo, na televisão, as novelas, as propagandas e, neste caso específico, nos filmes, coloca-se o estigma de quem está acima do peso, culpabilizando e considerando essas pessoas como preguiçosas, fracas, etc. Também se deve ressaltar que essas construções são sempre feitas a partir do olhar da/o magra/o, que não se interessa para pôr um fim a essa representatividade agressiva do indivíduo gordo. Além disso, quando são colocadas como protagonistas, essas pessoas são, na maioria das vezes, vinculadas à visão da própria comédia, que se utiliza de seus corpos para compor a trama humorística sempre de maneira negativa, perpetuando esse estereótipo (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017).

Deve-se, ainda, observar a construção do pai na narrativa, que é presente na vida da/os filha/os somente em momentos de lazer após a separação, delegando à mãe o cuidado e a preocupação diária com eles. Somente para compor o personagem, apresenta-se Soraia, sua atual esposa. Nesse momento, mais um estereótipo é construído, uma vez que Soraia é uma pessoa muito mais nova que

o marido, extremamente preocupada com a beleza e age e fala de maneira arrogante com todas/os. Mais uma vez, vê-se refletido, no estereótipo da mulher branca de classe média, o papel da futilidade, transformando-a em mero objeto, até mesmo pelo fato de a personagem existir somente para compor o enredo do marido.

Faz-se necessário, também, relatar que algumas/uns personagens negras/os aparecem ao longo do filme de forma episódica. Aos 15 minutos, o filme mostra a primeira pessoa negra, uma mulher, mas na posição de figurante, ou seja, no fundo da imagem e sem falas. Cabe observar aqui que o filme tem diversos momentos com cenas em ambientes abertos e com muitas/os figurantes, sendo, porém, a maioria composta por pessoas brancas, o que também se mostra emblemático em um país cuja maioria da população é negra, correspondendo a 56%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). Em seguida, aos 15:58, surge a primeira mulher negra com fala (uma única palavra) durante a obra e que é funcionária do supermercado onde Hermínia e Marcelina estão. Na sequência, nos minutos 17:25, 20:10, 23:45 e 24:26, aparecem também figurantes negras/os.

Posteriormente, aos 29:34, aparece a personagem Valdeia, mulher negra e empregada doméstica, reforçando, mais uma vez, o teor estereotipado do filme, que, neste caso, reduz a mulher à sua profissão e a inferioriza ao representá-la sempre de maneira desarrumada em relação as/aos outras/os personagens. Nesse momento, Valdeia, que está de férias de seu emprego na casa de Hermínia e está fazendo um trabalho extra no apartamento vizinho (onde reside a irmã de Hermínia, chamada Leza), recebe a visita de Juliano e Marcelina, que pedem para que ela vá cozinhar na casa dela/e, mesmo estando de férias. Para ele/a, parece natural ser obrigação de Valdeia fazer o que lhe pedem e ficam furioso/a quando ela não aceita. A cena acaba aos 30:10, não tendo duração de um minuto inteiro.

Pode-se perceber, desse modo, que a forma de representação de Valdeia espelha a opressão étnico-racial e de classe, uma vez que contribui para perpetuar esta visão de homogeneização da população feminina negra, reduzindo-a a uma atuação em profissões consideradas subalternizadas e, de certa forma, realçando uma posição social fixa e imutável (GUBERNIKOFF, 2009).

Ribeiro (2018, p. 49) alerta que "o humor não está isento da ideologia racista", uma vez que os aparelhos midiáticos se utilizam dele para diminuir ainda mais a presença de negros/as nas produções artísticas e culturais. Ademais, também se pode destacar o próprio movimento *blackface*, quando brancos/as pintam seus corpos de pretas/os, perpetuando os estereótipos de raça, bem como a representação da mulher na função de empregada doméstica e do homem como provável ladrão e criminoso, por exemplo.

Além disso, segundo Gubernikoff (2009), durante muito tempo, no Brasil e no mundo, difundiu-se a ideia de que os baixos níveis de escolarização das mulheres eram benéficos e funcionais, pois suas funções deveriam ser de cuidado com a família, o que reforçou o sistema heteropatriarcal, ideia internalizada e amplamente reproduzida pelo cinema. Mas, no caso da obra aqui analisada, tem-se a especificação do fator racial, que coloca Valdeia como uma pessoa ligada aos cuidados com a casa e a família, mas não a *sua* casa e a *sua* família, que nem sequer aparecem ou são citadas ao longo do filme. Nesse caso, objetiva-se apenas mostrar a figura da personagem, que é representada como aquela que tem o dever de servir à família branca de patroas/ões, de modo similar aos tempos da escravização.

No minuto 30:14 do filme, aparece um figurante negro, que é colocado em cena apenas para demonstrar como é uma "pessoa feia", quando Hermínia fala para Zélia que, em Niterói, a maioria é de gente bonita, mas destaca que nem todas/os e aponta para o homem. Recorro a Araújo (2008) quando alerta para o fato de que, assim como nas telenovelas, o cinema reproduz o racismo

estrutural. Aqui, os traços fenotípicos prevalecem, o que provoca que a vida dessas pessoas seja impactada por esse mecanismo de opressão. Então, o ideal de beleza passa a ser sinônimo de branquitude, e todas as cores/raças que se desviam desse padrão são consideradas inferiores, portanto desprovidas de beleza. Mas isso se torna mais evidente quando o “feio” é visto como sinônimo de homens e mulheres negros/as, pois os/as coloca em posições ainda mais ridicularizadas. Esta, segundo o autor, é mais uma forma de expressar o racismo estrutural que está intrínseco na mentalidade da população, ao descrever, de forma depreciativa, marcas físicas como traços, formato do rosto, textura do cabelo, etc.

[...] o inconsciente racial coletivo brasileiro não acusa nenhum incômodo em ver tal representação da maioria do seu próprio povo, e provavelmente de si mesmo, na televisão ou no cinema. A internalização da ideologia do branqueamento provoca uma ‘naturalidade’ na produção e recepção dessas imagens, e uma aceitação passiva e concordância de que esses atores realmente não merecem fazer parte da representação do padrão ideal de beleza do país. (ARAÚJO, 2008, p. 984).

Por sua vez, Coacci e Santos (2017) discorrem acerca do que é considerado belo e feio pela sociedade brasileira. Mais especificamente, os autores discutem quais são os corpos que se encaixam nessas categorias, defendendo a teoria de que a beleza e a feiura, além de não serem relativas, apregoa uma ideologia popular romantizada, uma vez que padrões de branquitude são diariamente impostos, excluindo e inferiorizando as populações racializadas. A respeito disso, em um estudo realizado por esses autores, ao pesquisarem, nos buscadores da internet, imagens a partir da palavra “beleza”, os resultados são majoritariamente de mulheres brancas e loiras, com um padrão de vida de classe média e alta. Entretanto, ao pesquisarem a palavra “feio”, as imagens que aparecem são de mulheres de fenótipos não europeu e, nesse momento, constata-se um número muito grande de negras. Constata-se também o fato de que a imagem de mulheres, na busca dessas duas palavras, aparece majoritariamente nos resultados, pois a pressão estética sobre os corpos femininos é significativamente maior do que a que recai sobre outros corpos. Portanto, essa pesquisa é mais um indicativo de que, no Brasil, “feio” é o que viola as normas do padrão hegemônico de gênero, raça/etnia e classe (COACCI; SANTOS, 2017, p. 433).

Os estereótipos de gênero são também intensamente criados e reproduzidos pelo cinema, pois obras que remetem a poder, força física e intelectual e guerra, por exemplo, são vinculadas à simbologia do “masculino”, enquanto fragilidade, consumo, ambiente doméstico e filhas/os são representações concentradas em obras com protagonistas mulheres (COACCI; SANTOS, 2017).

Na sequência do filme, aos 47:17, Valdeia volta a aparecer em uma memória de anos atrás, em que já era empregada, mesmo sendo muito jovem. Com isso, infere-se que ela trabalha para aquela família desde muito nova, pois acompanhou o crescimento de Garib, Juliano e Marcelina, que já são adultos/a, perpetuando a ideia de naturalidade e imutabilidade da condição social da mulher negra. A cena acaba aos 47:37, tendo 20 segundos de duração. Langie (2014) destaca o fato de que, quando se recorre, no audiovisual, a passagens de tempo, seja em direção ao futuro ou ao passado, isso ocorre como uma necessidade de intervenção do/a narrador/a, mesmo que não seja de maneira explícita. Por conta disso, mais uma vez pode-se interpretar que o efeito causado a partir dessas cenas é exatamente aquele que a/o diretora/or deseja, pois parte de interferências diretas na narrativa.

No decorrer da narrativa, observam-se também outras/os figurantes pretas/os e/ou pardas/os, mais especificamente aos 48:23, 50:25 e 57:16. Quando o filme já se encaminha para o desfecho, Valdeia aparece em algumas cenas quando Hermínia está recebendo convidadas/os em sua casa

nas seguintes marcas de tempo: 1:07:43, servindo bebida às/aos convidadas/os (cena acaba em 1:07:54); 1:08:28, exercendo suas funções na cozinha (cena acaba em 1:09:00); 1:09:43, discutindo com Soraia (cena acaba em 1:09:50); 1:10:51, ainda discutindo com Soraia (cena acaba em 1:11:03); 1:13:46, quando Hermínia também está em cena brigando com a personagem Soraia (cena acaba em 1:14:00) e, por fim, 1:14:04, dando encerramento ao diálogo (cena acaba em 1:15:52). Nesses últimos momentos, pode-se perceber que o lugar de representação de Valdeia revela uma inferioridade ainda maior, pois, apesar do destaque de sua personagem, com maior quantidade de falas, isso ocorre somente em ambientes onde cumpre suas funções domésticas, restringindo-a a essa posição social. A respeito disso, Gubernikoff (2009) ressalta que o cinema tem por característica a busca por retratar imagens reais, com as quais se identifiquem as pessoas que o consomem. Percebe-se, então, a naturalização com que a personagem é representada, pois é destacada quase sempre na cozinha, exercendo seu trabalho subalterno, fato que facilita a reprodução dessa visão de opressão, pois em nenhum momento é sequer mencionada, até pela própria personagem, a inferiorização em que a mulher negra é colocada. Então, "essa manipulação intencional da linguagem audiovisual é aceita plenamente pelo público em geral, e seu objetivo principal é o de criar uma verossimilhança com a realidade, passar-se pelo mundo real" (GUBERNIKOFF, 2009, p.69).

Sobre essa situação, ressalta-se que, além da funcionária do supermercado, também uma mulher negra e que teve somente uma fala, Valdeia é a única personagem negra que recebe algum destaque na obra. Entretanto, é necessário refletir de que maneira é representada, sempre como empregada doméstica (em todas as cenas que aparece, está exercendo essa função), não possui nenhuma subjetividade ou individualidade, ou seja, vive somente para servir à família sobre a qual a história gira, existindo para dar visibilidade ainda maior às outras pessoas. Além disso, é considerada por Hermínia como sendo "parte da família" (uma expressão que se popularizou após o fim da escravização para se referir às pessoas negras que continuaram a trabalhar em regime análogo à escravidão, recebendo apenas abrigo e alimento), mas, em todos os momentos em que os familiares estão reunidos, ela está trabalhando e não junto a eles.

Então, essa maneira com que as empregadas domésticas são costumeiramente tratadas pelas famílias brasileiras, por meio da emblemática frase "como se fosse da família", ainda espelha um resquício escravagista que perpetua as relações de poder e dominação das pessoas brancas em relação às negras. Atualmente, essa expressão reforça a produção da mais-valia, pois o racismo estrutural aparece como intensificador da exploração do trabalho humano, como destaca Almeida (2018), uma vez que esse tratamento mais próximo faz com que sejam dedicadas, pelo/a trabalhador/a, horas a mais do regulamentado pelas leis trabalhistas, alimentando a ideia de que patroas/ões podem exigir tarefas que fogem das responsabilidades de funcionárias/os e, ao mesmo tempo, fugir ao dever de assegurar os direitos de mulheres e homens negros, que muitas vezes se sentem coagidas/os a não reivindicá-los. Ramos (2018, p.73) assim resume essa questão: "A afetividade que não impede que ela continue sendo a serviçal, com direitos reduzidos, é a tradução de um discurso paternalista fundado na colonialidade".

Deve-se ainda observar que, mesmo sendo uma pessoa que está sempre presente na vida da protagonista e de sua família, Valdeia aparece em uma quantidade muito pequena de cenas (somente 8) e sempre muito curtas, pois nenhuma delas teve sequer dois minutos.

Mesmo se tratando de uma obra que retrata a vida e a realidade de uma minoria da população brasileira, visto que a história gira em torno de uma família de classe média alta, moradora de um bairro nobre de Niterói, em condomínio com diversos funcionários e com uma empregada doméstica, o fato de ser um filme comercial para atingir o grande público, no Brasil composto, sobretudo, pelas classes populares majoritariamente de negros, 75% entre os mais pobres (IBGE, 2019), a mensagem

transmitida é minimamente plausível de questionamento. Recorrendo à visão de Langie (2014), o filme reforça vários padrões de opressão, uma vez que se utiliza de estereótipos sobejamente conhecidos, apela para personagens e falas consideradas clichês, é recheado de diálogos fáceis e explicativos a respeito do enredo e não deixa fios abertos e nem outras margens para interpretações e questionamentos.

Ademais, ao silenciar e inferiorizar a população negra, especificamente a feminina, a obra não demonstra qualquer interesse em discutir a temática do racismo estrutural e aborda as relações de classe de maneira harmônica e idealizada, fato que faz com que a elite brasileira também se identifique e dialogue com o filme, uma vez que não ressalta os conflitos raciais e de classe (ALVES, 2009).

A partir dessa observação, pode-se vincular a exposição dessa perspectiva ao ideal de democracia racial, que teve suas bases e ascensão no início do século XX, sendo Gilberto Freire seu precursor no Brasil. Essa ideologia se baseava na mestiçagem presente na população brasileira para concluir que haveria uma harmonia nas relações entre as pessoas negras e brancas, sendo amplamente aceita e divulgada por décadas. Entretanto, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, quando os conflitos raciais foram expostos ao mundo, essas ideias passam a ser refutadas, pois se entende que as posições sociais e os direitos básicos das populações são garantidos, em grande parte, por meio de sua cor de pele e raça (SILVA; LARANJEIRA, 2007).

É possível, então, compreender que “Minha Mãe é uma Peça: o Filme”, obra de 2013, ainda reproduz a tal democracia racial, atualmente entendida como um mito. Por ser um filme de grande alcance de público, com a maior bilheteria no ano de lançamento (o que garantiu sua sequência), peca ao não questionar ou problematizar os conflitos nas relações raciais e sociais no Brasil e as formas hegemônicas de dominação, além de ofertar subsídios para a naturalização da heteronormatividade, do machismo, do racismo estrutural e da opressão de classe social.

“O Dia de Jerusa” (2014): valorização das histórias e subjetividades negras

O filme “O Dia de Jerusa” (2014) é um curta-metragem de 21 minutos. Seu palco é a Cidade de São Paulo e foi produzido com o apoio e patrocínio de instituições municipais, sendo dirigido e roteirizado por Viviane Ferreira e com produção de Elcimar Dias Pereira. No cartaz de divulgação do filme, já é possível notar que a narrativa é centrada na individualidade e vivência da protagonista cujo nome está presente no título da obra, como mostra a Figura 2.

Figura 2 – Cartaz do filme “O dia de Jerusa”



Fonte: “O Dia de Jerusa” (IMDB, 2014).

A narrativa tem como personagem principal Jerusa Anunciação Mamede, uma mulher idosa, preta e que mora sozinha em uma casa da periferia de São Paulo. No dia em que se passa a história, ela faz aniversário e, por isso, está arrumando e decorando o ambiente, além de estar cozinhando para seus familiares que virão para a festa.

Outra personagem de destaque é Sílvia Ferreira, também mulher preta e que trabalha em uma central de opinião popular, fazendo pesquisas de satisfação para uma marca de sabão em pó. Seu trabalho exige entrevistas presenciais, por isso ela visita casas e estabelecimentos comerciais. Em um dos locais de visita, um bar, o dono aceita participar da pesquisa, mas a assedia em todos os momentos, chegando a quase se encostar nela sem sua permissão.

A questão do assédio está presente na vida de todas as mulheres brasileiras, que sempre precisam pensar se lhes é seguro visitar certos lugares em algumas horas do dia, se é seguro sair sem alguma companhia ou até mesmo se é seguro vestir determinadas peças de roupas. Entretanto, observa-se uma complexidade ainda maior no “ser mulher” quando se é negra, uma vez que, como salienta Rodrigues (2019), para além de todas as dificuldades já pontuadas, elas sofrem uma interseção de opressões, afetadas tanto pelo machismo como pelo racismo (componente fundamental da hipersexualização do corpo negro).

Por conta disso, Rodrigues (2019) discorre acerca do assédio e das origens escravagistas do comportamento branco, que sempre entendeu o corpo da mulher negra como uma mercadoria:

Dante o exposto, tem-se que o assédio sexual se caracteriza, em suma, como expressão da relação de poder entre homem e mulher, sendo que o primeiro está hierarquicamente superior à segunda. Portanto, [...] a sociedade brasileira é resquício de uma colonização pautada na exploração de povos, através da dominação de senhores que exerciam um violento domínio sobre os negros e indígenas (principalmente mulheres), sendo reorganizada com a independência em uma sociedade de base capitalista [...]. (RODRIGUES, 2019, p.39).

Mais uma vez, entretanto, precisa-se destacar o fato de que se essas atitudes agressivas e discriminatórias permanecem, mesmo após mais de um século do fim da escravização, é porque ainda perduram ideias racistas e machistas na mentalidade da população, fato que tornou as posições sociais fixas e hierarquizadas, o homem branco continuando a ser o maior detentor de poder e privilégios. Isso se mostra evidente quando, por exemplo, em festas carnavalescas, utiliza-se a figura da mulher negra como fantasia, ridicularizando-a e inferiorizando-a, dando a ideia de que é apenas adereço para os brancos usarem quando desejam.

Para Aguiar (1997), o assédio sexual é consequência de uma sociedade estruturada pelo sistema heteropatriarcal. Contudo, estudos de gênero advindos do movimento feminista colocam em pauta essa discussão, questionando as posições sociais estabelecidas e enfrentando, de maneira mais direta, questões que antes eram tidas como naturalizadas. No caso do filme, Sílvia apenas ignora as investidas do dono do bar, sem entrar em conflito com ele, e disso se pode inferir que ela estava em uma relação desigual de poder e domínio em relação ao homem, e o ambiente em que o assédio ocorreu era familiar a ele e estranho a ela. Esse não enfrentamento pode ser resultado também – e muito provavelmente – do medo, uma vez que, entre as mulheres, as que mais sofrem com a violência no Brasil são as negras, sendo 68% das vítimas de feminicídio no país em 2018, como mostra o IPEA (2020). Portanto, devido a esse medo que acompanha a vida dessas mulheres, muitas vezes elas acabam deixando de se impor ou reivindicar respeito e direitos básicos.

O encontro das duas personagens principais ocorre quando Sílvia vai até a casa de Jerusa para realizar seu trabalho. Entretanto, Jerusa deseja conversar sobre variados assuntos ao longo da entrevista, por exemplo: sobre a família, seu passado, sua avó escravizada, contando segredos, histórias e confidências a respeito de suas origens. Aqui, Jerusa destaca os conhecimentos que herdou de sua avó, de quem fala com muito carinho e saudosismo. A personagem lembra que a avó não foi alfabetizada e nem registrada, pois viveu sob as marcas do regime escravocrata no Brasil, e mesmo assim foi uma das pessoas que mais a ensinaram durante a vida. Aqui, é possível inferir o curto tempo em que a escravização foi abolida no país, uma vez que Jerusa, uma mulher que vive no século XXI, conheceu essa realidade indiretamente por meio do convívio com uma pessoa de sua família.

Ao relembrar essas questões com Sílvia, Jerusa pratica a passagem, a preservação e a ativação de memórias, importantes para a propagação sociocultural africana que as ações ideológicas da colonização tentaram invisibilizar. Sabe-se que essa contação de histórias e as memórias sobre os conhecimentos, a cultura, as práticas religiosas, etc., foram incentivadas pela ação de mulheres negras escravizadas ou libertas, no intuito de ir de encontro à invisibilização desses saberes. A respeito disso, Mariosa e Mayorga (2019) descrevem essa estratégia de resistência como negras memórias.

O filme, nesse momento, demonstra a potência na fala de Jerusa, que tem orgulho ao recontar sua história e a de suas/seus antepassadas/os. Percebe-se, então, que a obra dá destaque para essa fala em uma perspectiva decolonial, uma vez que busca contar a história da personagem em primeira pessoa, além disso, dá espaço para o conhecimento de povos que estiveram sempre à margem da história oficial do país (SILVA, 2021). Então, observa-se a importância da obra no sentido de dar visibilidade ao outro lado da história, que sempre foi negligenciado em ambientes formais, como o escolar e acadêmico, por exemplo.

Percebe-se, portanto, que mais uma vez a obra de Viviane Ferreira precisa ser analisada sob a ótica de produção do Cinema Negro Feminino, pois apenas um trabalho realizado por uma mulher negra poderia retratar tão bem e de maneira tão fiel as relações sociais e realidades por ela

enfrentadas. Por conta disso, pode-se ainda notar que se trata de um filme que aborda as complexidades da vivência de qualquer mulher que trabalha e se relaciona com outras pessoas e, nesse caso, é possível se deparar com situações atravessadas pelo racismo, mas não somente isso. É nesse momento que o filme se apresenta enquanto uma obra que busca, de fato, valorizar e reconhecer a cultura, a história, as lutas e os conhecimentos do povo negro, visto que as/os personagens pretas/os e pardas/os não estão inseridas/os na obra apenas para tratar de questão racial, mas para valorizar e ressaltar suas vivências, crenças e experiências, o que é muito importante e necessário para o reconhecimento da existência de outros saberes para além dos eurocentrados.

Além disso, isso se mostra muito importante em uma obra cinematográfica que tem um alcance de certa forma maior do que textos acadêmicos, uma vez que abre a discussão para a invisibilização do povo negro e sua cultura, visto que diversos nomes – principalmente de mulheres – foram apagados da história oficial do país, mulheres que lutaram pela abolição da escravidão e pela igualdade de direitos. A respeito disso, Miranda (2021) alerta para a necessidade de ouvir as falas daquelas/es que foram negligenciadas/os e subalternizadas/as no processo de construção da sociedade brasileira, entendendo que, somente a partir dessa história contada por elas/es, é possível compreender a complexidade da realidade do país, utilizando narrativas decoloniais.

Em seguida, quando confessa a Sílvia que aquele é o dia de seu aniversário de 74 anos, Jerusa se refere àquela como um presente, uma vez que salienta que ela “está presente”, se referindo a uma solidão vivenciada em seu cotidiano. Nesse momento, é possível compreender que a vida da senhora é de muito sofrimento, visto que, em diversos momentos, ela cria diferentes motivos sobre o porquê suas/seus convidadas/os ainda não chegaram para a festa. Então, não fica evidente se foi abandonada pela família ou se era somente fantasia sua, uma família que nunca existiu.

A respeito disso, mais uma vez se entende que, por serem racializadas e comporem a base da pirâmide social, as mulheres negras são preteridas nas relações matrimoniais até mesmo pelos homens negros. Quando são valorizadas, o que ganha destaque são seus corpos, pois sempre estão sendo sexualizadas. Por conta disso, observa-se, como apontam Oliveira e Santos (2018), que a solidão tem cor, ou seja, recaem sobre a mulher negra os maiores índices de abandono ou exclusão dos vínculos afetivos e sociais.

No caso da obra analisada, vê-se o destaque para essa solidão da mulher negra, mas não de maneira estereotipada ou naturalizada, como ocorre em “Minha Mãe é uma Peça: o Filme” (2013). Aqui, em “O Dia de Jerusa” (2014), o que se pode notar é a dor com que a personagem deixa transparecer o sentimento de solidão, sensibilizando a/o espectadora/or para que se pense nisso a partir da perspectiva de quem sofre diretamente com essa realidade, e não partindo de uma narrativa generalizada e superficial.

Ao fim do dia, Sílvia consulta os resultados da Fundação Universitária para o Vestibular – FUVEST, exame no qual ela almejava passar. Quando vê seu nome na lista das/os aprovadas/os, então decide abandonar o trabalho e passa o dia comemorando esse fato com Jerusa, além do aniversário desta. Por conta disso, as duas firmam um laço de amizade significativo, uma vez que demonstram preocupação uma com a outra. Essa passagem de tempo na obra fica evidente quando, no final, surge na tela outro personagem que aparece no filme, que trabalha como catador de papel. No início da história, à luz do dia, o senhor está indo para uma direção específica, observando todo mundo que passa por ele. Já no encerramento da narrativa, durante a noite (quando Sílvia se despede de Jerusa), este mesmo senhor passa por elas voltando daquela direção que demonstrara ter sido seu destino, dando a ideia de que ele trabalhou durante todo o dia e estava voltando para sua casa.

A respeito da obra como um todo, por estar inserida no chamado Cinema Negro, compreende-se que trata da temática racial de maneira coerente, mas, para além disso, aborda a simplicidade da

existência e o cotidiano das personagens, não se restringindo à história somente a esse assunto, valorizando a subjetividade das pessoas, ao evidenciar a complexidade das relações presentes nas suas vidas. Além disso, observa-se também que todos/as os/as personagens da obra são negros/as, desde os/as moradores/as em situação de rua até os/as donos/as de empresas, trazendo uma representatividade muito grande para essa população subjugada durante muito tempo pelo audiovisual.

Raça e Gênero nas obras analisadas

Para visualizar de maneira didática as observações e apontamentos realizados durante a análise das obras no que se refere à construção dos gêneros e raças, o Quadro 1 sintetiza as principais ideias desses conceitos presentes nos filmes “Minha Mãe é uma Peça: o Filme” e “O Dia de Jerusa”.

Quadro 1 – Gênero e Raça/Etnia nos filmes “Minha Mãe é uma Peça: o Filme” e “O Dia de Jerusa”

Filmes	Raça/Etnia	Gênero
“Minha Mãe é uma Peça: o Filme”	Ao longo da obra, é possível perceber a predominância de personagens brancos/os, conseqüentemente se observa uma baixa representatividade de pessoas não brancas. No que se refere ao povo negro (preto e pardo), a maioria aparece em papéis de figuração, enquanto uma única personagem de “maior” destaque é colocada em posição de inferioridade em relação às/aos demais, sendo uma empregada doméstica sem nenhuma particularidade.	Percebe-se que o filme dá destaque para personagens femininas, mas que coloca, na maioria das vezes, a imagem delas em contraposição à de homens, reduzindo sua importância e homogêneo-as. Além disso, destaca-se o fato de que nenhuma/um das/os personagens foge da dualidade homem/mulher no que se refere à identidade de gênero, mas inclui uma diversidade mais significativa em relação à sexualidade.
“O Dia de Jerusa”	Durante a construção da obra, observa-se que as/os personagens são interpretadas/os por atrizes e atores negras/os, ou seja, há uma grande representatividade dessa população que foi, por muito tempo (e, em muitos casos, ainda é), negligenciada pelo mercado audiovisual.	Em relação ao gênero, pode-se notar que são mais uma vez representadas/ os somente homens e mulheres. Mas, aqui se destaca a particularidade com que as mulheres são representadas, sendo sempre mulheres negras, sem a presença de estereótipo em suas imagens.

Fonte: Elaboração própria (2021).

A partir da análise do Quadro 1, é possível compreender, portanto, que, entre os dois filmes, a única obra que tende a abordar os conceitos de gênero e raça/etnia em sua complexidade e sem nenhum tipo de estereótipo é “O Dia de Jerusa”. No que se refere a “Minha Mãe é uma Peça: o Filme”, percebe-se que reproduz um número maior de estereótipos de gênero e raça, mas, considerando que o filme é do gênero comédia, essas ideias aparecem suavizadas.

Ao observar a maneira como o Cinema pode – e deve – contribuir para problematizar as várias formas de opressão, entende-se que incluir todas as identidades e subjetividades, ao analisar os

espaços e as relações, torna-se um pilar essencial para esse processo, visto que não é possível realizar problematizações coerentes com a realidade ao excluir certos grupos de pessoas, neste caso, a população negra feminina que, mesmo fazendo parte do grupo racial em maioria no Brasil, ainda compõe a base da pirâmide social, ficando restrita aos espaços marginalizados e segregados.

Palavras finais

A partir da realização deste trabalho, foi possível concluir a importância de se observar quais são as ideias por trás da construção de obras fílmicas, entendendo que todas elas possuem suas finalidades específicas a partir de seus roteiros e edições.

Ademais, compreendeu-se que elas podem influenciar significativamente o imaginário popular com seus ideais, mas é preciso ressaltar que o/a espectador/a não é isento de suas próprias ideologias e convicções, portanto, também foi possível perceber que, mesmo que indiretamente, as obras analisadas dialogam com as perspectivas da população brasileira de todas as classes sociais.

Entretanto, por serem de temáticas e gêneros diversos, os filmes conversam com o público de maneira diferente. O primeiro, "Minha Mãe é uma Peça: o Filme" (2013), de grande bilheteria, alcança a população por meio do riso, da comédia, mesmo que reproduzindo, em diversos momentos, estereótipos de gênero e raça. Nele, evidencia-se que a mulher negra é representada de maneira inferiorizada e sem nenhuma subjetividade. Por se tratar de uma visão muito presente na mídia em geral e no cinema, percebe-se então que essa representatividade é passada de maneira naturalizada para o grande público, porque não se questionam as posições à qual ela está submetida.

Já "O Dia de Jerusa" (2014) retrata a mulher negra em sua complexidade, abordando seu cotidiano de maneira simples e fiel à realidade, não apenas colocando-a na função de empregada doméstica, como é o caso da outra produção. Aqui, destaca-se a vida pessoal e profissional de Jerusa e de Sílvia, que são as personagens de maior destaque. A partir disso, percebe-se que, por estar inserida no Cinema Negro, é uma obra que tem o intuito de valorizar a população preta e parda brasileira, tratando de questões que vão além do racismo e da discriminação.

No que se refere à construção do trabalho propriamente dita, foi possível concluir as possibilidades de expandir as observações de gênero e raça/etnia pela ótica do cinema. Por fim, com este estudo, é possível ver que a figura da mulher negra tem ganhado destaque no cinema nacional, mas em obras de grande alcance isso ainda é feito de maneira problemática, estereotipada e incoerente com a realidade. Desse modo, os filmes que retratam a realidade dessa população de maneira coerente ou a colocam em posição de igualdade perante os/as outros/as personagens/as são aqueles que estão inseridos no chamado Cinema Negro, produções com protagonistas pretos/as e pardos/as, com representatividade decolonial para além do padrão de ser, sentir e existir eurocêntrico e colonial.

Referências

- ALMEIDA, S. (2018) *Racismo estrutural*. Belo Horizonte: Letramentos. 256 p.
- ALVES, R. L. *Os arquétipos dos mitos históricos negros no cinema nacional: uma análise na filmografia de Cacá Diegues*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- AGUIAR, N. (1997) Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. In: _____. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, p.161-191.
- ARAÚJO, J. Z. (2008) O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.16, n.3, p.979-985.
- COACCI, T.; SANTOS, L. C. dos. (2017) “Você é feia, feia pra caralho”: um ensaio sobre gênero, beleza e feiura. *Periodicus*, Salvador, UFBA, v.7, n.1, p. 423-439.
- FALEIROS, E. (2007) Violência de gênero. In: TAQUETTE, S. R. (Org.). *Violência contra a mulher adolescente/jovem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.61-65.
- GUBERNIKOFF, G. (2009). A imagem: representação da mulher no cinema. *Conexão: Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, UCS, v.8, n.15, p.65-77.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (2019) *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral*. Brasília, DF, Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). (2020) *Atlas da violência 2020*. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/.../>. Acesso em: 6 maio 2021.
- LANGIE, C. (2014) O roteiro nacional contemporâneo: análise comparativa entre a comédia *Minha mãe é uma peça* e o drama *Nove crônicas para um coração aos berros*. *Orson: Revista dos Cursos de Cinema do Cearte*, Pelotas-RS, v.1, p.23-36.
- MARÍOSA, G. S.; MAYORGA, C. (2019) Negras memórias: tradição religiosa de matriz africana no Brasil. *Sacrilegens: Revista Discente do Programa em Ciências da Religião da UFJF*, Juiz de Fora-MG, v.16, n.1, p.363-379.
- MELO, F. V. S.; FARIAS, S. A. de; KOVACS, M. H. (2017) Estereótipos e estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. *Organizações & Sociedade*, Salvador, UFBA, v.24, n.81, p.305-324.
- MINHA MÃE é uma peça: o filme. (2013) Direção de André Pellenz. Rio de Janeiro: Downtown Filmes, (81 min).
- MINHA MÃE é uma peça: o filme. (2021) Photo gallery. *IMDB*. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt2464018/mediaindex/?ref=tt_mv_close. Acesso em: 5 maio 2021.
- MIRANDA, J. de. (2021) Contar a nossa história é um ato político. *AzMina*, 8 mar. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/contar-a-nossa-historia-e-um-ato-politico/>. Acesso em: 4 maio 2021.
- NEVES, A. A. (2010) Geografias de Cinema: do Espaço Geográfico ao Espaço Fílmico. *Entre-Lugar*. Dourados-MS, UFGD, v.1, n.1, p. 133-156.
- NEVES, A. A.; OLIVEIRA FERRAZ, C. B. (2017) Cinema e Geografia: em busca de aproximações. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon-PR, UNIOESTE, v.8, n.16, p.75-78.
- O DIA de Jerusa. (2014) Direção de Viviane Ferreira. São Paulo: ODUN Filmes, (20 min).
- O DIA de Jerusa. (2021) Photo gallery. *IMDB*. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt12070062/mediaindex?ref_=tt_pv_mi_sm. Acesso em: 5 maio 2021.
- OLIVEIRA, I. M.; SANTOS, N. C. S. (2018) Solidão tem cor? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. *Interfaces Científicas – Humanas e Sociais*, Aracaju, v.7, n.2, p.9-20.
- RAMOS, G. B. P. (2018) “Como se fosse da família”: o trabalho doméstico na Assembleia Nacional Constituinte de 1987. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- RIBEIRO, D. (2018) *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 117 p.

- RODRIGUES, L. (2019) *O assédio sexual contra a mulher negra trabalhadora no Brasil*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana-MG.
- ROSO, A.; STREY, M. N.; GUARESCHI, P.; BUENO, S. M. N. (2002) Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v.14, n.2, p. 74-94.
- SANTOS, B. G. dos. (2017) A (auto)representação da mulher negra no cinema brasileiro contemporâneo. *O Mosaico: Revista de Pesquisa em Arte*, Curitiba, UNESPAR, n.14, p.150-164.
- SILVA, C. D. O. (2021) Narrativa em primeira pessoa na prática performativa de mulheres marginalizadas. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 11, n.1, p.1-27.
- SILVA, M. N.; LARANJEIRA, P. (2007) Do problema da "raça" às políticas de ação afirmativa. In: PACHECO, J. Q.; SILVA, M. N. (Org.). *O negro na universidade: o direito à inclusão*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, p.125-138.